

# Editorial

Em julho de 2008, a comunidade psicanalítica da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano e de sua Escola – a EPFCL – reuniu-se na cidade de São Paulo para o V Encontro Internacional do Campo Lacaniano. Foram apresentados, nesse Encontro, 80 trabalhos de diversos países, apresentados em plenárias ou mesas simultâneas, em torno do tema: “Os tempos do sujeito do inconsciente: a psicanálise no seu tempo e o tempo da psicanálise”.

A Revista Stylus 17 (novembro de 2008) – cujo tema foi O tempo na psicanálise – publicou vários textos apresentados no V Encontro. Neste Stylus 18, damos continuidade a esse trabalho, reunindo outros tantos textos de colegas de vários países e estados do Brasil, que ofereceram sua contribuição teórica e clínica sobre a questão do tempo.

No texto de apresentação do V Encontro, chamado “Atualidade”, Colette Soler afirmava:

“A questão aberta por esse tema não é simplesmente clínica. Uma clínica do tempo é possível, sem dúvida, mas para dizer a verdade, ela não está mais por ser feita, pois já se encontra bem balizada pelo ensino de Lacan. Tempo do sujeito que se ‘hystoriza’ puxado entre antecipação e retroação: tempo próprio de cada estrutura clínica, que marca com seu selo a temporalidade universal do sujeito e cuja tipicidade já é o índice de um real, conforme elas se ‘hystorizam’ ou não: ‘tempo lógico’ de produção de uma conclusão a partir do ‘não sabido’, produção cuja duração, incalculável, é própria de cada analisante, o que leva a pensar que, por mais lógico que seja esse tempo, ele é algo não só lógico, participando antes de um real que se manifesta na ‘textura’ do tempo. O ponto crucial de nosso tempo hoje está, porém, noutro lugar, mais ético que clínico: o que uma análise sempre longa pode prometer ao homem apressado pela civilização? Efeitos terapêuticos às vezes e mesmo frequentemente rápidos, sem dúvida alguma, contrariamente ao que se crê. Mas, além disso, ‘o tempo necessário’, conforme a expressão de Lacan, permitiria produzir um novo sujeito?”

Trata-se de uma questão da mais alta relevância, e que nos convoca a pensar sobre a atualidade da psicanálise em nosso mundo

contemporâneo. Nessa mesma direção, Dominique Fingermann – que foi Presidente do V Encontro e é colaboradora de Stylus 18 – reafirma a importância desse tema no editorial da revista eletrônica Heteridade 7.

“Quando, no mundo globalizado, o tempo transformou-se em mercadoria – ‘Time is Money’ -, quando a ciência, a tecnologia e o mercado juntam-se para nos fazer ganhar tempo a qualquer preço, a psicanálise persiste e insiste na manutenção de sua via. Suas vias e desvios proporcionam uma experiência do tempo na contramão da experiência subjetiva do “tempo que passa”, inflacionada pelos tempos que correm. Entre o ‘Já foi!’ e o ‘Pode ser?’, o tempo que a consciência apreende é a sucessão irreversível do passado ao futuro, passando pelo instante presente, sempre fugidivo e inapreensível. As modalidades subjetivas desse a priori temporal de toda experiência declinam a vivência do tempo com matizes que vão da nostalgia até a esperança, com versões “patológicas” conhecidas como angústia, mania, melancolia, tédio que testemunham uma maneira outra de vivenciar o tempo. Os ‘tempos que correm’ e sua ciência implacável, pretendem remediar essas modalidades existenciais e os afetos consequentes. A psicanálise preconiza outro tratamento: dar-se um tempo.”

A entrevistada de Stylus 18 é justamente Dominique Fingermann, que testemunha sobre a importância da diversidade dos trabalhos apresentados, “pois isso indica que nós conseguimos produzir um autêntico campo epistêmico a partir das elaborações dos psicanalistas (“práxis da teoria”). No entanto, se essa diversidade é necessária, ela não é suficiente. Precisamos ter prova de uma orientação comum: a orientação pela ética da psicanálise regulada a partir do encontro com o real.”

A Stylus 18 pretende, através dos textos aqui publicados, contribuir para a continuidade dessa diversidade e qualidade desse debate.

Na seção “Ensaíos”, temos quatro textos extremamente originais sobre nosso tema: Gabriel Lombardi o trabalha pela via da distinção entre cita e encuentro que deu muito o que pensar a nosso tradutor. Antonio Quinet propõe uma leitura original do Édipo,

Dominique Fingermann relaciona o movimento da análise com o tempo na música e Maria Vitoria Bittencourt recupera o sonho como a via régia do inconsciente.

Na seção “Trabalho crítico com os conceitos”, contamos com a excelência do trabalho de Bernard Nominé que trata o tempo como um objeto lógico. Sonia Alberti produz um minucioso estudo sobre a aproximação entre o conceito de entropia na física e na psicanálise. Angela Mucida avança em sua pesquisa sobre a memória e o tempo, Maurício Hermann trabalha a relação entre a banda de Moebius e a fantasia inconsciente e Ronaldo Torres propõe uma rigorosa articulação entre o ‘grupo de Klein’ revisitado por Lacan e os tempos do sujeito na experiência psicanalítica.

Na seção “Direção do tratamento”, Susy Roizin apresenta um caso clínico para tratar do tempo do sujeito do inconsciente. E Pablo Peusner propõe um instigante debate a respeito da ‘antecipação’ na clínica psicanalítica lacaniana com crianças.

Na seção “Resenhas”, Sandra Berta nos apresenta o importantíssimo livro de Antonio Godino Cabas – O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão – que recupera com um incrível senso de oportunidade, o conceito de sujeito para a psicanálise. Lou de Resende resenha o livro de nossa colega Angela Mucida – Escrita de uma memória que não se apaga – Envelhecimento e velhice – que prossegue trabalhando com esse tema fundamental, a partir da psicanálise. E Érico Nogueira escreve sobre o livro Falo no Jardim: Priapeia Grega, Priapeia Latina, do latinista João Angelo Oliva Neto que nos ajuda a compreender as inspirações freudianas para o conceito de falo.

Em nome da Equipe Editorial de Stylus, desejo a todos uma ótima leitura, com o tempo necessário para fazer traço e laço.

Ana Laura Prates Pacheco

